

**A INTERFACE SEMÂNTICO-SINTÁTICA
NA CONSTRUÇÃO DOS TEXTOS ESCOLARES**

Hyléa Vale Ramalho (UFF)

hyleavale@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Discutir o estudo da sintaxe pelo viés semântico-discursivo tem sido a proposta de muitos professores que buscam um melhor aproveitamento do aluno. A estrutura sintática pela estrutura sintática não é capaz de dar conta das indagações cotidianas. Mais ainda, é necessário aprofundar e traçar uma relação da sintaxe com o processo de produção textual; não que esteja dissociada do processo de aquisição da competência leitora, mas não é tão condicionante quanto à elaboração de textos.

No latim, a ordem sentencial era uma questão expressiva ou pragmaticamente condicionada; nas línguas românicas a situação é outra, a ordem possui valor gramatical, com implicações sintáticas, morfológicas e fonético-fonológicas. Isso se deve à perda das declinações latinas uma vez que estas marcavam os *casos*; portanto a ordem, no latim, ficava a cargo das intenções discursivas; nas línguas românicas, é preciso uma estruturação lógica para identificar os constituintes oracionais. Portanto, como escrever bem, no sentido mais amplo, sem ordenar adequadamente as estruturas sintáticas? Nem sempre o uso da sintaxe é um ato consciente. São estruturas internas que, mesmo quando ainda pequenos, já possuímos a capacidade de estruturá-la, como enunciado por Azeredo (2002):

As pessoas falam sua língua nativa sem realizar qualquer esforço. A linguagem está internalizada no ser humano desde a sua concepção; porém é mais do que mera articulação de sons e combinação de palavras, possui uma estrutura complexa que envolve sons, palavras e frases, seu uso nas múltiplas situações reflete condicionamentos psicológicos, sociais e culturais. (p. 9)

É através da sintaxe que ocorrerá a interligação textual: recursos anafóricos, nominalizações, elipses, elementos pleonásticos, partículas de realce e tantas outras; garantindo, assim, a continuidade discursiva. E isso, no processo tanto de leitura quanto de escrita, é de

LÉXICO E SEMÂNTICA

extrema relevância porque norteia o processamento cognitivo do leitor/escritor, sem permitir desvio de análises.

As redes que constroem a relação semântico-sintática são fundamentais para este trabalho. Para tanto, utilizar-se-á a teoria dos *papéis temáticos* de Fillmore. Acredita-se no ensino produtivo da sintaxe pelo viés semântico. Muitas vezes o aluno não assimila determinados conceitos sintáticos por não os considerarem lógicos, por exemplo, em frases como *o jarro caiu* o sujeito é denominado ‘agente’, simplesmente devido à oração encontrar-se em uma estrutura ativa, sem considerar que *jarro* é um objeto, inanimado, portanto não possui agentividade.

A proposta desta pesquisa é discutir os papéis temáticos e sua relação com a estrutura sintática; e, dessa forma, ratificar que uma abordagem semântico-sintático-discursiva proporciona melhor entendimento das estruturas sintáticas e reflete-se na produção textual do aluno.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A noção de papéis temáticos foi introduzida, primeiramente, por Fillmore (1968) sob a alegação de que as relações gramaticais de sujeito, objeto, etc. são insuficientes para traduzir as relações de dependência existentes entre certas construções. Na década de 60, com a *Gramática de Casos*, apresentou os papéis *agentivo*, *instrumental* e *objetivo*, que se definem, respectivamente: instigador de uma ação, animado, identificado pelo verbo; instrumental, força inanimada ou objeto causativamente envolvido na ação ou estado identificado pelo verbo; afetado pela ação ou estado identificado pela interpretação semântica do verbo.

Uma das principais premissas da *Gramática de Casos* de Fillmore trata-se de os papéis de caso permanecerem constantes através das transformações. Então, enquanto a superfície sintática de uma sentença pode variar, os papéis semânticos não podem. Os exemplos a seguir ilustram isso:

- (1) João abriu a porta com a chave.
- (2) A porta abriu.
- (3) A chave abriu a porta.

Nos três exemplos com o verbo abrir, o papel *objetivo* foi obrigatório, selecionado pela estrutura argumental do verbo, mas não ocupou a mesma posição sintática. Em (1) e (3) objeto direto, em (2) sujeito. Em outras palavras, a estrutura de caso afirma que o verbo abrir pode opcionalmente apresentar sujeito com papel *agentivo*, ou papel *instrumental*, ou ambos, mas precisa sempre ocorrer com um sintagma manifestando o papel de *paciente*, e esse pode ser o único com que o verbo ocorre.

Fillmore (1968) chama atenção para uma hierarquia temática. A posição argumental de sujeito será preenchida preferencialmente na seguinte ordenação: *agentivo, instrumental e objetivo*. No exemplo (1) há um *agentivo*, João, portanto é dele a posição de sujeito; mas em (3) existe um *objetivo* e um *instrumental*, na hierarquia temática, o mais próximo na escala para desempenhar a função de sujeito é o *instrumento*.

A teoria de Charles Fillmore apresenta alguns pontos nevrálgicos. Segundo o próprio Fillmore, nenhuma atenção tinha sido dada para detalhar a natureza das representações semânticas, nem havia qualquer sugestão de como a estrutura de casos relataria a estrutura semântica básica dos verbos. Percebeu que muitas situações de determinação de papéis de caso foram baseadas em decisões intuitivas, e em algumas suas intuições falharam. Apesar da autocrítica, é incontestável a importância da *Gramática de Caso* de Fillmore.

O Princípio da Hierarquia Temática, com base nos estudos de Carlos Franchi (1975), estabelece a ligação entre a estrutura semântica e a estrutura sintática, ou seja, estabelece qual papel temático vai para qual função sintática. Desta forma, organiza os argumentos predicadores, estabelecendo a correlação entre as propriedades semânticas acarretadas lexicalmente por esse predicador, sendo essas propriedades, os papéis temáticos, e a posição dos argumentos externo e interno, as funções sintáticas.

Franchi amplia a noção temática e elenca os seguintes papéis semânticos: *agente, experienciador, beneficiário, alvo e instrumento*, respectivamente assim definidos: iniciador/controlador da ação, pessoa que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo, indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo, indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação e objeto de que o agente se serve para prati-

LÉXICO E SEMÂNTICA

car a ação (Ilari, 2003). Os papéis temáticos assim caracterizados têm, portanto, um caráter derivado e não são noções primitivas da teoria. Termos como *agente*, *paciente* etc., dentro dessa perspectiva teórica, são meramente descritivos. Entretanto, se convenientemente bem caracterizados, podem ser utilizados, como um expediente prático, para distinguir argumentos em uma estrutura semântica. Pode-se fazer um paralelo desse uso com o que se faz na sintaxe para se designar noções estruturais, como as noções de sujeito e objeto. Contudo, os papéis temáticos, assim definidos, ainda se situam em um nível de abstração que dificulta responder à questão sobre o conteúdo semântico dessas relações.

As definições utilizadas correspondem a caracterizações intuitivas, e, certamente, divergentes quanto a suas classificações; considerou-se que essas definições são muito informais e vagas para um tratamento teórico. Por isso, muitos foram levados a desistir de considerar os papéis temáticos como parte de uma teoria gramatical, e, atualmente, há um consenso entre a maioria dos linguistas de que os papéis temáticos, ou casos de agente, tema, etc. exercem um papel puramente descritivo. Essas definições foram muito criticadas porque se corria o risco de encontrar múltiplos papéis temáticos e, também, devido aos critérios usados na definição desses termos não apontarem para uma definição exclusiva para cada argumento.

Assim, devido ao incômodo causado pela descrição pura e simples dos papéis temáticos, os semanticistas passaram a abordar a questão a partir das propriedades semânticas atribuídas aos papéis temáticos. O semanticista Dowty (1989) define papel temático como *o conjunto de todas as propriedades que se pode atribuir ao indivíduo através dos possíveis acarretamentos das expressões predicadoras* (p.78). Fornece o seguinte exemplo:

(4) João beijou Maria.

Na sentença (4), João tem controle sobre a ação de beijar; João agiu, de certo modo, intencionalmente; João desencadeou a ação de beijar; João tem boca; João tocou Maria; etc. Todas são propriedades atribuídas a João acarretadas pelo verbo. Essas atribuições é que formam o papel prototípico de *agente*. A definição proposta permite caracterizá-los de uma maneira mais flexível, evitando equívocos. Nem sempre é fácil distinguir semanticamente os argumentos,

pois as propriedades associadas ao *agente*, como a iniciativa, o controle e a intencionalidade, são reconhecidas em *beneficiários*, por exemplo; a mudança ou afetação do objeto em determinados processos, que se gostaria de tomar como critério para a caracterização do paciente, atribui-se, em muitos casos, ao agente; agentes, pacientes, beneficiários comportam-se, se colocado o foco sobre o movimento envolvido em determinadas ações, como fonte, tema e meta; e assim por diante. O exemplo a seguir esclarece a teoria de Dowty:

(5) A mãe casou a filha.

O objeto “filha” seria um *agente* porque, de certo modo, controla a ação; no entanto, também, poderia ser classificado como paciente uma vez que é afetada pela ação da mãe. E, ainda, “mãe” seria denominada como agente. A atribuição de dois papéis temáticos a um único argumento e de dois argumentos com o mesmo papel temático na mesma oração não é admitida no conceito de hierarquia temática. Entretanto, se o raciocínio for em relação ao grupo de propriedades atribuídas ao argumento pelos acarretamentos do predador, como sendo o papel temático desse dado argumento, não há nenhum problema para classificar os papéis temáticos em (5). À “mãe” pode-se atribuir o seguinte papel temático: tem controle sobre a ação, desencadeia um processo, etc., que descritivamente pode ser chamado de agente prototípico; à “filha”: tem controle sobre o processo, desencadeia um processo, é afetada por uma ação, etc., que descritivamente podemos chamar de agente/afetado ou paciente/agentivo. Essa combinação temática é defendida por Cançado (2000):

Os papéis temáticos se caracterizam justamente por essas variadas interseções possíveis (agente/paciente, agente/fonte, agente/destinatário). E é justamente o caráter mais flexível e aberto do conceito de papéis temáticos adotado que facilita a estratégia de atribuir um estatuto teórico não a papéis temáticos assim definidos, mas a certos acarretamentos cruciais para a gramática de uma dada língua. (p. 17)

Dentre todos os papéis temáticos citados, é para o agente que confluem as maiores indagações. A noção de agente, macropapel da estrutura semântica de uma sentença, é palco de divergências quanto à semântica da própria palavra; isso influi na noção temática de agente, uma vez que as análises do que é ou não considerado um a-

LÉXICO E SEMÂNTICA

gente, advém das conceituações atribuídas a esse vocábulo. Para a maioria dos pesquisadores, *agente* está relacionado a um sintagma nominal humano (ou pelo menos animado) que causa uma ação. Mas a definição de *animado* também é discutível. No *Dicionário Caldas Aulete* (2004), há duas acepções: *uma como aquilo que tem vida e a outra, como o que tem movimento*. Partindo disso, como ficaria a análise da sentença “A flor desabrochou”? O sujeito sintático *a flor* poderia ser considerado um agente, uma vez que *flor* tem vida, portanto, animada? É uma análise realizada por um grupo, mas bastante discutível, até porque, o verbo *desabrochar* expressa um evento de causatividade interna: o processo só se realiza graças às propriedades inerentes ao sujeito sintático; só podem desabrochar aqueles elementos que possuam as características para tal. Essa limitação semântica do verbo impediria a classificação do sujeito *flor* como agente; este é parte do processo realizado pelo verbo.

A teoria desenvolvida por Van Valin (1999), em *The Case for Effector*, apresenta uma solução para casos como o da frase *a flor desabrochou*, torna-o derivado de um *Effector*, que seria um “desencadeador”, ou seja, a partir dele surgiriam os demais papéis temáticos: *Effector*-agente, *Effector*-força, *Effector*-instrumento. Assim como Dowty, Van Valin também preconiza a composição temática entre os papéis.

A proposta desta pesquisa é discutir essa composição temática e relacioná-la aos argumentos verbais sob uma orientação semântico-sintática pelo recorte do ensino de língua portuguesa. Acredita-se que, no estudo dos papéis temáticos, encontra-se um instrumento de elucidação para as inquietações registradas em sala de aula no que se refere à sintaxe.

A análise do *corpus* deste trabalho está focada na demonstração de evidências empíricas do português em que certas estruturas sintáticas sofrem restrições de ordem semântica. O estudo semântico-sintático será direcionado para um estudo funcionalista aplicado à produção textual. O objetivo é comprovar que o ensino da sintaxe sob um recorte semântico proporciona melhor entendimento da estruturação sintática, refletindo-se na produção textual do aluno.

ETAPAS DA ANÁLISE DO CORPUS

O *corpus* foi analisado em dois momentos diferentes. Primeiramente, uma demonstração das relações semânticas presentes na sintaxe; depois, uma análise da produção textual do aluno a fim de comprovar a influência de um estudo semântico-sintático na aquisição da competência linguística no que se refere à escrita.

Reestruturação das sentenças

Ao longo de duas semanas, durante as aulas de Língua Portuguesa, os alunos desenvolveram esta etapa da pesquisa. Dividiram-se em pequenos grupos para efetuarem a reestruturação de algumas sentenças. Primeiro passo era determinar quais papéis temáticos eram reconhecidos na sentença “primitiva” e o que fez com que assim fossem denominados; depois sim, deviam reorganizá-las sintaticamente, de todas as formas possíveis e, em seguida, informar quais foram as funções sintáticas encontradas, se ocorreram alterações semânticas e, ainda, se essas poderiam ter mais de uma interpretação caso houvesse uma alteração contextual.

Desenvolvimento da produção textual

Após a discussão sobre os aspectos semântico-sintáticos presentes na língua, deram continuidade à pesquisa, que se estendeu por mais duas semanas. Aos alunos foi solicitado que construíssem textos, livres de quaisquer instruções (tipo, gênero, número de linhas etc.), para verificar se o estudo dos papéis temáticos associado à sintaxe exerce influência na elaboração lógico-semântica da produção textual. A maioria preferiu reescrever alguns textos produzidos em outro momento.

De uma maneira ou de outra, estabeleceu-se o critério comparativo entre as produções atuais e as anteriores com o intuito de ratificar que o ensino da sintaxe à luz da semântica reflete-se no desenvolvimento da habilidade linguística do aluno.

LÉXICO E SEMÂNTICA

ANÁLISE DO *CORPUS*

A pesquisa foi desenvolvida por alunos da 2ª série do Ensino Médio, do Colégio de Aplicação Professor Renato Azevedo, localizado na Cidade de Cabo Frio – Região dos Lagos, no estado do Rio de Janeiro.

A proposta pedagógica do *CAp ferlagos* é baseada na elaboração de um currículo integrado formado por habilidades e competências. Não se ministram conteúdos porque estes se encontram no índice do livro didático, mas sim aqueles que são relevantes para desenvolver as habilidades e competências necessárias para a formação integral do ser.

Os alunos inseridos nesse processo de ensino-aprendizagem são privilegiados. Não precisam ocupar seu tempo com memorizações inúteis e estão sempre buscando encontrar o significado dos conteúdos. Isso tornou simples a aplicação de uma estratégia diferenciada para o ensino da sintaxe, mais precisamente no estudo do período simples.

O trabalho foi desenvolvido com envolvimento de 34 alunos, que receberam uma folha contendo cinco sentenças, em voz ativa, com verbos indicadores de mudança de estado (encher e manchar), movimento (cair) e transformação psicológica (acalmar e preocupar). Deveriam reestruturar as frases, de todas as maneiras possíveis, para verificar se as ocorrências sintáticas estavam a serviço da semântica.

A análise do *corpus* procederá consoante os itens a seguir.

Análise das frases reestruturadas

1) *O homem encheu a caixa d'água com a mangueira.*

- a. A caixa d'água foi enchida pelo homem;
- b. A caixa d'água foi enchida com a mangueira;
- c. A mangueira encheu a caixa d'água;
- d. A caixa d'água foi enchida pelo homem com a mangueira;
- e. O homem encheu a caixa d'água;
- f. A caixa d'água foi enchida;

- g. Encheu a caixa d' água;
- h. Encheu-se a caixa d' água;
- i. A caixa d' água encheu;
- j. Encheu a caixa d' água com a mangueira.

A sentença inicialmente fornecida apresenta estruturação sintático-semântica: sujeito (agente), objeto (alvo) e argumento em adição instrumental (instrumento). O verbo *encher* foi usado na sentença inicial como transitivo direto, mas apresenta uma contraparte intransitiva, colocando como sujeito o que antes era objeto, sendo assim denominado de verbo ergativo, uma vez que o sujeito está claramente envolvido pelo processo, não sendo um deflagrador do mesmo.

A maior incidência (50%) foi o papel temático *alvo*, a caixa d' água, ser colocado na posição de sujeito, mantendo a mesma função semântica. Nos itens (a), (b), (d), (f) e (i), apesar do mesmo papel semântico, apresentam vozes verbais distintas. Em (a), (b), (d) e (f), houve a construção de sentenças passivas que, assim como nas ergativas, o sujeito é não agentivo.

No item (i), há ocorrência do verbo *encher* como verbo ergativo, ou seja, o sujeito é não agentivo, sendo envolvido pelo processo verbal. Embora esteja em uma construção ativa, percebe-se uma noção de passividade.

Deve-se atenção especial aos itens (g), (h), (i) e (j). A diferença entre (g) e (i) está apenas na posição argumental. Em (g), o sintagma nominal colocado diante do verbo assume a posição reservada para o sujeito sintático da sentença, ainda que não seja dotado de agentividade, representando um típico uso ergativo; em (i), o mesmo sintagma é depositado na posição de argumento interno e, deixando livre o local sintático destinado ao argumento externo, pode levantar algumas dúvidas quanto ao sujeito sintático; mas no item (j), a mesma sentença é acrescida de *com a mangueira*, neste caso, a inserção do *instrumento* desfaz qualquer questão em relação ao sujeito sintático da frase, uma vez que para realizar a ação de *encher com a mangueira*, e estando desocupada a posição argumental externa, recupera-se um sujeito animado na execução dessa ação. No item (h), o uso da partícula *–se* com um sintagma ocupando a posição de argumento

LÉXICO E SEMÂNTICA

interno, leva à análise de uma voz passiva sintética, com sujeito semanticamente afetado; se estivesse ocupando a posição de argumento externo, acompanhado de verbo com a partícula *se*, seria analisado como voz média, sujeito também semanticamente afetado, podendo o clítico *se* ser retirado sem nenhum prejuízo, inclusive é o que vem ocorrendo em muitas regiões do país, e acredito que por essa razão os alunos não tenham utilizado essa variação. Said Ali (1957) já afirmava que, com o uso do clítico, a distinção entre voz média e voz passiva é uma questão de topicalização.

Fica claro que alguns papéis temáticos podem ser suprimidos nas várias construções apresentadas. O ‘agente’, nessas frases representado pelo sintagma *o homem*, só surge em 3,0% dos casos: em (a) e (d) na função sintática de *agente da passiva*, com papel temático de agente; em (e) na função de sujeito sintático da oração, também com papel temático de agente. Em todos os demais, foi possível omitir o agente.

O papel semântico de *instrumento* surge em 4,0% das construções. Mesmo quando ocupa posição sintática diferente: (b), (d) e (j) em adjunção instrumental e (c) sujeito sintático, seu papel semântico não se altera.

O *alvo* da ação, a caixa d`água, aparece em todas as orações. Pode-se justificar essa incidência devido ao fato de o verbo *encher* ser transitivo-ergativo, isto é, como transitivo precisa de um complemento (o alvo); como ergativo, coloca na posição de sujeito sintático o objeto semântico, também *alvo*.

Em construções de ordem ativa, fora o sujeito (agente), o único papel semântico que surgiu na posição de argumento externo foi o *instrumento* em (c). De acordo com a escala da hierarquia temática, fora o *agente*, é o *instrumento* o mais recorrente na posição de sujeito.

Não houve nenhuma ocorrência de estrutura com a presença de um agente na posição de sujeito sem o alvo da ação, por exemplo: *O homem encheu*. Com sujeito animado, o verbo *encher* realiza-se como transitivo, portanto o argumento interno é obrigatório.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

II) A empregada manchou a roupa com as tintas no tanque.

- a. A empregada manchou a roupa;
- b. A roupa foi manchada pela empregada;
- c. A roupa foi manchada no tanque;
- d. A roupa foi manchada;
- e. A empregada manchou a roupa no tanque;
- f. A roupa manchou;
- g. A empregada manchou com as tintas a roupa;
- h. A roupa foi manchada com as tintas;
- i. As tintas mancharam a roupa;
- j. Com as tintas no tanque a empregada manchou a roupa.

De todas as orações apresentadas no *corpus* esta é a que possui a estrutura argumental mais completa, por isso possibilitou tantas mudanças em sua construção. Apresenta a seguinte relação sintático-semântica dos argumentos: sujeito (agente), objeto (alvo) e argumento em posição de adjunção (instrumento e locativo). O verbo *manchar* é de mudança de estado, e tem a condição de trazer o argumento interno para a posição argumental externa, apresentando, assim, uma estrutura ergativa, ou seja, sujeito não agente, envolvido pelo processo verbal. Sempre que o produto final de um processo for o mais relevante, opta-se por uma construção ergativa. Conclui-se que a ergatividade é mais um recurso de escamoteação do *agente*.

A oração de maior ocorrência (29,4%) foi a letra (a). Os alunos perceberam que o sintagma *com as tintas* era a penas um termo acessório, sob o papel semântico de *instrumento*, portanto poderia ser extraído da oração sem prejuízo semântico.

A segunda ocorrência (11,7%) destina-se ao item (b). Como a sentença original encontrava-se em voz ativa, a transposição sintática imediata é a colocação em voz passiva e, assim como no item anterior, também desprezaram o *instrumento*.

O item (f) surgiu em 8,8% dos casos. Dele foram destituídos os papéis temáticos *agente* e *instrumento*, tendo permanecido apenas o *alvo*. Isso se justifica uma vez que se trata de um verbo transitivo direto, e como tal, exige um complemento direto. Para manter a no-

LÉXICO E SEMÂNTICA

ção de transitividade, o *alvo* perdura, mesmo que em outra função sintática, como a de sujeito. Ao ocorrer essa modificação, o verbo passa a ser intransitivo, e o sujeito é apenas envolvido pelo processo verbal, sem deflagrá-lo.

Em (b), (c), (d) e (h), exemplos de construção passiva, alguns sintagmas foram suprimidos, mas o de maior proeminência foi o argumento em adjunção locativa. Essa supressão pode ser explicada por fatores sintáticos, uma vez que se trata de um termo considerado *acessório*, mas também, pode ser analisada por aspectos pragmáticos; o sujeito da oração inicial, *a empregada*, estabelece uma relação semântica com o locativo *no tanque*, dispensando a sua explicitação por estar pragmaticamente suposta. Curiosamente, no item (h), a ausência do *agente* atribuiu ao *instrumento (tintas)* o pseudo-significado *agente*, como se as *tintas* fossem as responsáveis pela mancha na roupa, e não a empregada. Esse seria um caso de combinação temática, sugerido por Jackendoff (1972) ao analisar a teoria desenvolvida por Gruber (1965).

No contexto apresentado, o sujeito *a empregada* é o responsável pela mancha na roupa, mas não pode ser o único. Semanticamente, *as tintas* são as causadoras da mancha e como o trabalho está voltado para as orientações semântico-sintáticas, isso foi explicitado com ocorrência de 8,8% (i) e 5,8% (j). Em (i), o *instrumento* foi colocado na posição tópica, centro informacional da sentença; em (j) apesar de não sofrer alteração sintática, ou seja, permanecer em adjunção instrumental, ao ser posicionado como o primeiro sintagma da estrutura oracional, foi elevado à condição tópica, papel relevante na orientação argumentativa da oração.

III) *Os idosos caíram da escada.*

- a. Os idosos caíram;
- b. Caíram da escada;
- c. Caíram os idosos;
- d. Da escada caíram;
- e. Da escada os idosos caíram;
- f. Os idosos da escada caíram;
- g. Da escada caíram os idosos;
- h. Caíram da escada os idosos.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O verbo da sentença primitiva é monoargumental e tem como papel semântico do sujeito um *beneficiário*, isto é, o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo (Ilari, 2003, p. 131). Apresenta, ainda, um argumento em adjunção como *locativo*.

Dentre as ocorrências, a maior incidência (26,4%) foi do item (a); apenas apagaram o *locativo*, sem efetuar qualquer modificação oracional.

O apagamento do sujeito, itens (b) e (d), ocorreu em 11,7% das frases reestruturadas. Isso só foi possível, ou seja, a indeterminação do sujeito, devido ao verbo encontrar-se na 3ª pessoa do plural e, dessa forma, só selecionar sujeito humano. Ressalta-se que a maior incidência (8,8%) de supressão do sujeito foi destacando o verbo (posição tópica) e menos recorrente (2,9%) foi priorizando o ‘locativo’.

Apesar de apenas 2,9% das ocorrências, a frase (c) merece atenção particular. Em algumas situações, a posposição do sujeito pode causar ambiguidade interpretativa, como as estruturas com partícula *se*: vendem-se remédios/remédios vendem-se. Conforme Said Ali (1957) enuncia às vezes o que faz a distinção entre a voz passiva sintética e a média dinâmica é a posição do sintagma, respectivamente, posposto e anteposto; na primeira, os remédios são vendidos e na segunda, eles vendem por si só. Na frase (c) do *corpus*, a posposição do termo *idosos* não causa dúvida quanto a este ser o sujeito oracional, haja vista que o verbo cair não possui transitividade, portanto o elemento posicionado posteriormente é o sujeito de fato. O que ocorreu nessa reestruturação foi a ênfase no processo, destacando o verbo em posição tópica.

As demais ocorrências no *corpus*, embora com porcentagem bastante significativa (29,2%) foram meras reconstruções oracionais, sem maior relevância semântico-sintática.

IV) O médico acalmou o paciente.

- a. O paciente foi acalmado pelo médico;
- b. O paciente foi acalmado;
- c. O médico o acalmou;
- d. O paciente acalmou-se;
- e. Pelo médico o paciente foi acalmado;

LÉXICO E SEMÂNTICA

f. O paciente acalmou;

g. O médico acalmou.

Os papéis temáticos na sentença primitiva são, respectivamente, *experienciador* (sujeito) e *alvo* (objeto direto).

Das sete combinações encontradas, a maior incidência (35,2%) foi o item (a), a transformação para a voz passiva analítica com a presença do agente da passiva, por ser a forma mais próxima da original. O item (b) também foi recorrente (23,5%), diferindo do anterior apenas pelo apagamento do agente da passiva, o que não interfere no entendimento da oração.

Atenção especial merecem os itens (d), com 23,5% , e (f), com apenas 2,9%. *Acalmar* é um verbo de transformação psicológica, o que consiste na realização de um evento que não seleciona sujeito agentivo. Em (d), o processo não é deflagrado pelo sujeito *o paciente*, mas sim demonstrar estar o sujeito envolvido pelo desempenho verbal. O pronome *se* é o indicativo desse envolvimento, sendo classificado como parte integrante do verbo (PIV). São os chamados verbos pronominais eventuais. A anteposição do sujeito insere a frase na voz medial dinâmica, atribuindo ao sujeito uma combinação de *alvo* e *experienciador*. No item (f), embora não tenha sido frequente, o apagamento do clítico revela um fenômeno da língua falada, em que o uso do *se* vem desaparecendo. Tanto (d) quanto (f) só são permitidos porque há uma frase inicial norteadora do sentido, em que se tem noção de que a ação foi realizada pelo médico e recaída sobre o paciente.

O item (c) teve ocorrência significativa (23,5%). Para um sintagma ser considerado como objeto direto, este deve ser substituível por um pronome oblíquo (Azeredo, 2000), e isso justifica, na reestruturação argumental, a incidência desta construção.

Em (e) e (g), foram incidências pequenas, respectivamente, 2,9% e 5,8%, e não representam nenhuma transformação argumental. Em (e), antepôs o agente da passiva; em (g), apenas o apagamento do argumento interno.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

V) *O adolescente preocupou os pais.*

- a. Os pais se preocuparam com o adolescente;
- b. Os pais preocuparam-se;
- c. O adolescente os preocupou;
- d. Os pais ficaram preocupados com o adolescente;
- e. Com o adolescente os pais se preocuparam;
- f. Os pais ficaram preocupados.

A determinação dos papéis sintático-semânticos inseridos na frase original gerou muitas divergências. O trabalho começou a atingir seus objetivos, muitos não aceitavam mais as regras sintático-semânticas sem atribuir juízo. Por se tratar de um verbo psicológico, a maioria não conseguia visualizar um sujeito agentivo em *o adolescente*, e de fato não podia ser assim considerado; bem como o objeto direto *os pais*, também não podia ser um mero *alvo*. Ambos, respectivamente, seriam um *desencadeador do processo* e um *experenciador afetado* (Cançado, 2005).

Dos itens selecionados como relevantes, o de maior ocorrência (25,8%) foi o item (a). Não houve uma modificação de voz, a oração continua pertencente à ativa, o que aconteceu foi a aposição de um elemento lexical para marcar a alternância argumental, ou seja, apresenta-se fora de sua ordem canônica, porém mantendo a mesma classificação semântica. Em (d), a oração apresentou-se de forma analítica, mas a atribuição significativa é a mesma.

O item (b) teve 23,8% de incidência e registrou o apagamento do sujeito sintático, colocando em destaque o *experenciador alvo* envolvido no processo verbal, marcado morfologicamente com o clítico *se*. O apagamento do sujeito deve-se a fatores de ordem pragmática, pois faz parte do contexto social os adolescentes serem os *desencadeadores do processo* de preocupação dos pais. O item (f) é a representação analítica do (b).

Em (c), apenas da ocorrência significativa (20,8%), não apresenta maiores discussões, houve apenas a substituição sintagmática feita por um pronome oblíquo.

No item (e), há um exemplo de topicalização, convergindo toda a atenção discursiva para os adolescentes.

LÉXICO E SEMÂNTICA

Análise da produção textual

Para apresentar as mudanças ocorridas na produção de texto dos alunos, partiu-se de um critério comparativo para averiguar o amadurecimento textual. Serão discriminados, no *corpus*, diversos fragmentos inseridos em oito textos pertencentes a alunos que fizeram parte do desenvolvimento desta pesquisa. Registraram-se os trechos originais, e as reescrituras contêm a indicação (*).

Essas composições foram escolhidas por apresentarem significativas mudanças após o trabalho semântico-sintático de reestruturação de orações. Textos que, até então, apresentavam problemas na sua estrutura sintagmática, passaram a construir-se de forma mais coesa.

1º Texto:

Fragmento A

“Arrumou um belo vestido, depois que foi para seu quarto, e colocou uma linda sandália de cristal.”

Fragmento A’

“Ela foi para seu quarto, **arrumou-se com um belo vestido**, que encontrou no quarto de sua madrastra, e colocou uma linda sandália de cristal.”

Comentários

A reorganização da oração sofreu influência pragmática. Ordenou o pensamento, ao informar primeiro a ida para o quarto e só então os fatos se desenrolaram. Quanto ao vestido, o verbo arrumar sem o pronome *se* denota uma conquista, o que não condiz com o restante do período, já que a menina “possuía” um sapato de cristal, como não teria um vestido? Na verdade, a ideia era informar que havia se enfeitado com o vestido, e para isso o verbo deveria surgir em sua forma reflexiva, com sujeito ‘beneficiário’.

Fragmento B

“Na festa, todos olhavam para Anabella, era a mais bela, e as outras mulheres morreram de raiva dela. Tudo divertia Anabela, dançou bastante e conheceu um lindo rapaz, o mais belo da festa.”

Fragmento B’

“Na festa, todos olhavam para Anabella, era a mais bonita, e as outras mulheres morreram de raiva. **Ela se divertiu muito**, dançou bastante e conheceu um lindo rapaz, o mais belo da festa.”

Comentários

Houve alterações diversas em relação à coesão do trecho. Havia sonoridade (eco) entre “Anabella” e “bela” que foi desfeita, além de uma repetição muito próxima da palavra “Anabella”. Como foco informacional do texto é centrado nessa personagem, ao desfazer a repetição, utilizou o verbo “divertir” de forma pronominal, o que demonstra estar o sujeito envolvido no processo verbal, sem que dele parta nenhuma ação. É o conceito de ergatividade, em que a causatividade é interna, e a relevância recai sobre o resultativo, no caso, a diversão de Anabela.

Fragmento C

“Sua madrasta não gostou porque começaram a namorar e logo depois se casaram e foram muito felizes.”

Fragmento C’

“A paixão entre os dois foi tão forte que começaram a namorar e, algumas semanas depois, para infelicidade de sua madrasta, **casaram** e viveram felizes para sempre.”

Comentários

A reestruturação desse fragmento atingiu os objetivos propostos: aprimorou a coesão da frase, na medida em que inseriu, em primeiro lugar, elemento que explicasse a postura dos dois namorados (‘a paixão’); em seguida registrou os sentimentos da madrasta; e no final apropriou-se do apagamento do clítico, discutido amplamente em sala de aula, mantendo um paralelismo sintático com o verbo ‘viver’.

LÉXICO E SEMÂNTICA

2º Texto:

Fragmento A

“Todos ansiavam por conhecer ela. Até que ela chegou, linda e arrogante, com suas duas filhas, Bianca e Karina.”

Fragmento A’

“**Todos estavam ansiosos para conhecê-la.** Até que a madrasta chegou, linda e arrogante, com suas duas filhas, Bianca e Karina.”

Comentários

Nesse fragmento ocorreram duas modificações, uma de caráter morfológico; outra, sintático. Primeiramente, o adjetivo explícito na oração atribui mais efeito sobre o sujeito; em segundo lugar, a substituição pelo pronome oblíquo “-la”, além de solucionar a questão eufônica, demonstra que houve reconhecimento da função sintática de objeto direto, alvo da ação, por ser essa a condição imposta para um sintagma ser classificado como complemento de um verbo, poder ser substituído por um pronome pessoal oblíquo (Azeredo, 2000, p. 83).

Fragmento B

“Durante esse tempo, a madrasta vendeu os bois, a fazenda foi à falência e tinham que vender as terras.”

Fragmento B’

“Durante esse tempo, **a fazenda faliu, os bois foram todos vendidos e agora só resta vender as terras.**”

Comentários

A escamoteação do *agente* foi um dos recursos mais investigados durante o período de desenvolvimento da atividade em sala de aula. Esse trecho apresenta um bom exemplo disso. O texto já vinha abordando que a menina, Daniela, falava sobre a madrasta, portanto a supressão do *agente* nesse trecho objetiva a não redundância. Para tanto, valeu-se do uso ergativo do verbo falir, promovendo a sujeito

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

sintático algo inanimado (a fazenda). Também suprimiu o *agente* na sentença seguinte, ao colocar a oração na voz passiva analítica, promovendo o *alvo* (bois) a sujeito sintático, ainda que sob o papel temático *alvo*. A última frase destituiu o aspecto coloquial (tinham que) e assim reorganizou a coesão interna.

Fragmento C

“(...) um lindo rapaz de família rica, que estava interessado em comprar as terras e quando viu Daniela ficou apaixonado.”

Fragmento C’

“(...) um lindo rapaz de família rica, que estava interessado em comprar as terras, quando viu Daniela, **apaixonou-se também.**”

Comentários

Apaixonar é um verbo pronominal (ergativo), por isso denota um envolvimento do sujeito, que se apresenta sob o papel semântico de *experienciador*. A partir dessa informação, como o objetivo do autor do texto era mostrar o profundo envolvimento sentimental entre o rapaz e Daniela, optou por usar um verbo pronominal.

3º Texto:

Fragmento A

“(...) Por vezes, faziam ali refeições preparadas pela encantadora Barbie. Ela planejava os pratos e fazia com esmero, decorados, cheios de detalhes, de bom gosto, com fino acabamento.”

Fragmento A’

“(...) Por vezes, faziam ali refeições preparadas pela encantadora Barbie. Esses pratos **eram planejados, feitos com esmero**, decorados, cheios de detalhes, de bom gosto, com fino acabamento.”

Comentários

O *agente* deste fragmento é a personagem “Barbie”. Na primeira frase, já foi mencionado que era ela quem preparava as refeições, portanto tornou-se redundante a presença da palavra “Barbie” ou qualquer outro elemento correferencial. A coesão foi realizada a

LÉXICO E SEMÂNTICA

partir da supressão do *agente*, levando o *alvo* para a posição de sujeito tópico do discurso, tendo no sintagma “esses pratos” uma referência anafórica, elemento dado, para manter a coesão textual (Pontes, 1986, p. 191).

Fragmento B

“(…) mais tarde, com um grande talento arquitetônico e profundo conhecimento de engenharia, a comunidade homenageou a Barbie, fez a ponte, ficou rica e famosa (...)”

Fragmento B’

“(…) mais tarde, com um grande talento arquitetônico e profundo conhecimento de engenharia, **foi homenageada por sua obra**, fez a ponte, ficou rica e famosa (...)”

Comentários

Todo o contexto já direcionava a leitura para a personagem “Barbie”. Era ela o *alvo* das atenções e das homenagens de todos, portanto o uso da voz passiva analítica pôde deixar subentendido o sujeito *alvo*, e esse, subjacente ao texto, explicita um recurso de coesão textual (Koch, 2005, p. 16).

4º Texto:

Fragmento A

“Em uma pequena casa no interior de uma grande cidade ocorreu o nascimento de uma linda garotinha, branquinha de tudo e com lindos olhos azuis.”

Fragmento A’

“Em uma pequena casa, no interior de uma grande cidade, **nasceu uma linda garotinha**, branquinha de tudo e com lindos olhos azuis.”

Comentários

O verbo “nascer” é um verbo que denota processo. É mono-argumental, selecionando apenas o argumento externo (sujeito), que não desempenha papel de *agente*, embora a oração se encontre na voz ativa. É uma típica construção ergativa. Na reescritura da frase, utilizou dois recursos de coesão: sintetizou “ocorreu o nascimento” em “nasceu” e colocou o sujeito posposto ao verbo, em posição de informação nova, direcionando a leitura do texto.

Fragmento B

“Caminhando sem saber aonde ir, viu um enorme cartaz no qual continha o endereço que ela procurava.”

Fragmento B’

“Caminhando sem saber aonde ir, **deparou-se** com um enorme cartaz no qual continha o endereço que ela procurava.”

Comentários

Nesse trecho não há uma transformação significativa, apenas o uso de um verbo pronominal cujo objetivo é enfatizar o envolvimento do sujeito em uma ação/processo.

5º Texto:

Fragmento A

“Quando a sapataria entregou os sapatos, Ângela também escondeu o outro pé no vaso de plantas que ficava logo na entrada.”

Fragmento A’

“**Quando os sapatos foram entregues na casa**, Ângela também escondeu o outro pé no vaso de plantas que ficava logo na entrada.”

Comentários

Recorrente até aqui, a questão da voz passiva analítica com o intuito de destituir o *agente*. A razão dessa escolha nesse fragmento deve-se à questão de ordem pragmática. É uma relação óbvia “sapa-

LÉXICO E SEMÂNTICA

taria entregar sapatos”; dessa forma, desnecessária a presença do *agente* (sapataria). Então para apagá-lo, valorizando o centro da informação desse trecho, reescreveu a frase na voz passiva analítica, colocando o *alvo* (sapatos) em posição tópica e omitiu o *agente*.

Fragmento B

“(...) muito desajeitado, tropeçou no vaso de planta e derrubou o sapato no chão cheio de terra.”

Fragmento B’

“(...) muito desajeitado, tropeçou no vaso de planta e **o sapato caiu todo sujo de terra.**”

Comentários

Na sequência do fragmento anterior, o cerne discursivo ainda são “os sapatos”. Recuperou na posição de sujeito sintático, o que antes era objeto direto (*alvo*) e ao colocá-lo como sujeito, valeu-se de um verbo denotador de processo (movimento), mostrando o resultado de uma ação, não importando quem a desencadeou. Para o desenrolar da narrativa, o clímax foi a queda do sapato.

Fragmento C

“Pedro o limpou e tocou a campainha. Quando a empregada abriu a porta, ele viu Isabela com os olhos cheios de água.”

Fragmento C’

“Pedro o limpou e tocou a campainha. **Quando a porta se abriu,** ele viu Isabela com os olhos cheios de água.”

Comentários

A reestruturação trazendo o *alvo* (porta) para a posição tópica sob a função de sujeito, juntamente com o clítico *se* acoplado ao verbo abrir, que se apresenta em uso ergativo, conduz a uma interpretação de voz média dinâmica, isto é, a ação parece desenrolar-se a partir de um sujeito inanimado, como se “a porta” pudesse realizar a ação por si só; isso é condizente com a atmosfera de encantamento enunciada em todo o texto, uma releitura do conto de fada “Cinderella”. Saber quem abriu a porta é uma informação irrelevante.

6º Texto:

Fragmento A

“Seus pais moravam na cidade, mas não podiam criar muitos bichos.”

Fragmento A’

“Seus pais moravam na cidade **em um belo apartamento** e, por isso, não podiam criar muitos bichos.”

Comentários

De acordo com os estudos semântico-sintáticos, verificou que o argumento em adjunção locativa nem sempre é um termo acessório. No caso analisado, é uma informação necessária para realizar a coerência textual, o motivo pelo qual não seria possível criar muitos animais, por morarem em apartamento.

Fragmento B

“Porém começou a aparecer um grande problema quando todos saíam, o gato estranhava-se muito com o rato e vice-versa.”

Fragmento B’

“Porém começou a aparecer um grande problema quando todos saíam, **os animais brigavam muito.**”

Comentários

De fato, a reestruturação em B’ visou à objetividade do texto. Utilizou o processo de hiperonímia para encurtar a frase e transmitir de forma objetiva a mensagem. Tanto o “gato” quanto o “rato” eram *agentes e pacientes* da mesma ação (movimento recíproco), portanto mantiveram-se sob os mesmos papéis temáticos ao se tornarem argumento externo do verbo “brigar”.

LÉXICO E SEMÂNTICA

7º Texto:

Fragmento A

“Dentro de toda aquela produção, não parecia ter quinze anos.”

Fragmento A’

“Dentro de toda aquela produção, **enganava seus quinze anos.**”

Comentários

Com a reescritura dessa frase, utilizou-se da estilística como recurso de coesão textual, a elipse do *alvo* da ação. Dizer apenas que não parecia ter quinze anos, não é tão enfático quanto dizer que “enganava” sua idade, deixando subentendido que havia alguém a ser enganado.

Fragmento B

“Ficaram, conheceram e reconheceram um ao outro.”

Fragmento B’

“Ficaram, **se conheceram e se reconheceram.**”

Comentários

O uso do clítico *se* como pronome reflexivo-recíproco tem o mesmo sentido da expressão “um ao outro”, além de tornar o fragmento mais coeso, apesar de a colocação do pronome fugir das regras gramaticais.

8º Texto

Fragmento A

“Os dias foram passando e ficava mais grave o problema (...)”

Fragmento A’

“Os dias foram passando e **o problema agravava-se(...)**”

Comentários

O pronome *se* imputa ao sujeito “o problema” um envolvimento no processo denotado pelo verbo (ergativo), mostrando uma

causatividade interna, não explícita. A sentença, assim construída, valoriza aquele sobre o qual é desencadeado um processo, o *alvo*.

Fragmento B

“Chegou perto dos meninos e desejou ser feliz e alegre como aqueles meninos.”

Fragmento B’

“**Aproximou-se** e desejou ser feliz e alegre como aqueles meninos.”

Comentários

O fragmento reestruturado apresenta-se muito mais coeso, sem repetição de termos. O verbo “aproximar-se”, sendo um verbo pronominal (ergativo), que indica movimento, mostra total incorporação do sujeito *experenciador* naquilo que realiza, e isso também contribui para a coesão textual, pois toda a orientação do texto está voltada para a história de uma criança triste, que sofre preconceitos, e tenta a todo custo fazer amigos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida nesta pesquisa aborda os papéis temáticos e a relação que mantêm com a estruturação sintática, mostrando que o processo de compreensão da sintaxe está diretamente relacionado às questões semânticas.

O ensino das construções sintáticas pelo recorte semântico revela-se muito produtivo. O professor precisa dar conta de questionamentos variados em sala de aula e no que tange à sintaxe, não são poucos. Obviamente que um grupo questionador é fruto de uma educação moderna, que imputa aos jovens o desenvolvimento do senso crítico; portanto, os professores precisam preparar estratégias de ensino-aprendizagem voltadas para esse novo aluno, e a metodologia de ensino faz parte desse processo.

O estudo da semântica na escola é relegado a segundo plano. Dá-se muita importância à assimilação de regras, e cede-se pouquís-

LÉXICO E SEMÂNTICA

simo espaço à interpretação, à construção do sentido. Isso é problemático quando se tem em mente a relevância que as questões de significação têm hoje em alguns instrumentos de avaliação no país, tais como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e a maior parte dos vestibulares. Nesta pesquisa, foi desenvolvido um trabalho voltado para os aspectos semântico-discursivos que envolvem a análise sintática. Verificou-se que o aluno compreendeu com mais facilidade, sem bloqueio, a estruturação da sintaxe uma vez que encontrou na semântica as respostas para os mais variados questionamentos. Sentenças como *o vaso quebrou* sempre foram alvo de indagações em relação à classificação do sujeito como agente. De fato, trata-se de uma incoerência: uma atribuição semântica (agente) baseada na estruturação sintática (voz ativa). O estudo semântico veio para encerrar o conflito e denominar adequadamente como *tema* o sujeito *o jarro*.

O aluno percebeu na primeira análise do *corpus* que a mudança da categoria sintática, não alterava a categorização semântica. Junto a isso, verificou que em algumas construções, determinadas funções semânticas eram imprescindíveis, devido à seleção argumental realizada pelo verbo, como em estruturas com verbo transitivo direto, o *tema* estará sempre presente uma vez que o verbo apresenta transitividade. Também concluíram que a análise dos papéis temáticos muitas vezes estava restrita a aspectos de ordem contextual, haja vista o clássico exemplo *João rolou montanha abaixo*, em que tanto pode ser um *tema* quanto um *agente*, é preciso conhecer a situação comunicativa para estabelecer qual dos dois papéis relaciona-se ao sujeito *João*.

Na segunda parte da análise do *corpus*, comprovou-se a hipótese deste trabalho, que consiste na influência de um estudo semântico-discursivo refletir-se na produção textual do aluno. A partir do momento em que se disponibilizou uma abordagem que transmite recursos direcionados à análise do sentido, o aluno passou a redigir com mais segurança, apresentando um texto mais amadurecido, apropriando-se de apagamentos sintáticos, como a escamoteação do sujeito e ausência do clítico *se*; a promoção de objeto a sujeito, e tantos outros relatados no capítulo anterior em que se procede a análise do *corpus*. Todas essas estratégias de linguagem permitiram a produção de textos mais coesos e, conseqüentemente, mais coerentes.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

As práticas desenvolvidas nesta pesquisa, conforme enuncia Ilari (2003, p. 12), promoveram um reencontro com aspectos linguísticos sempre relegados a segundo plano. Evidenciou-se que a atenção a esses aspectos abriu novas possibilidades para um ensino mais criativo, mais motivador, voltado à construção do senso crítico do aluno.

Educar deveria ser muito mais que propiciar ao educando conhecimentos e habilidades para que venha a obter melhores salários que seus pais e avós. Mais importante do que formar um profissional, é formar uma pessoa capaz de atuar como cidadão: inserir-se sem preconceitos nessa realidade multicultural; associar significados e construir sínteses cognitivas.

Enfim, fica cada vez mais evidente que o estudo da sintaxe precisa ser contextualizado, estudado à luz de uma semântica discursiva, visando à intenção comunicativa estabelecida no co(n)texto. Sentenças isoladas e sua sintaxe estão em frequente desacordo com a sintaxe encontrada em um contexto discursivo. Além disso, o estudo sintático, quando limitado ao nível sentencial e privado de seu contexto comunicativo-funcional, tende a ignorar as considerações comunicativas que afetam a estrutura do discurso, desempenhando, apenas, as chamadas regras sintáticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULETE, Caldas. *Mini Caldas Aulete*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

AZEREDO, J. C. de. *Iniciação à sintaxe do português*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CANÇADO, M. O. Lugar da Semântica em uma Teoria Gramatical. *Estudos Linguísticos*, 2000, 29, p. 67-78.

———. *Argumentos: Complementos e adjuntos*. Manuscrito. NuPeS /POSLIN/UFMG. Maio de 2005.

DOWTY, D. R. *On the Semantic Content of the Notion of Thematic Role*. In: Chierchia, Partee e Turner (eds.), 1989, p. 69-129.

LÉXICO E SEMÂNTICA

FILLMORE, C. he Case for Case. **In:** E. Bach e R. Harms (eds). *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinnehart and Winston. *Verify*, 1968.

FOLEY, W. A. & VAN VALIN JR., R. D. *Functional Syntax and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

FRANCHI, C. *Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem*. Tese de Doutorado. IEL. UNICAMP, 1975.

GRUBER, J. *Studies in lexical relations*. Unpublished dissertation. M. I. T., 1965.

ILARI, R. *Introdução à semântica. Brincando com a gramática*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

JACKENDOFF, R. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge: MIT, 1972.

KOCH, I. *Coesão textual*. 20ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

PCN. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 2001.

PONTES, E. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1986.

SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

VAN VALIN Jr., Robert D. e WILKINS, David P. The case for 'Effector': Case roles, Agents, and Agency revisited. **In:** SHIBATANI, Masayoshi e THOMPSON, Sandra A. (eds.). *Grammatical constructions: their form and meaning*. New York: Oxford University Press, 1999, p. 289-322.